

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DAS ESPÉCIES ARBÓREAS DA ÁREA DE REFLORESTAMENTO DO CAMPUS II DA FUNEC – SANTA FÉ DO SUL/SP

Fernanda Yukari MITSUMORI*

Natallia Magri de SOUZA**

Patricia MONTANHA***

Douglas Costa MARTINS****

RESUMO

O reflorestamento é um processo de recuperação de áreas degradadas pela força da natureza ou por ação humana. As áreas de reflorestamento são de grande importância para a recuperação das matas nativas e a identificação das espécies existentes no local representa uma importante etapa no conhecimento do ecossistema para estudos futuros. Para identificar as espécies que existem em um determinado local é feito o levantamento florístico que consiste em realizar uma lista completa das espécies de vegetais existentes em uma determinada área. Com base nessa problemática, esse trabalho objetivou desenvolver um levantamento das espécies arbóreas existentes na Área de Reflorestamento do Campus II da FUNEC – Santa Fé do Sul/SP, classificando-as de acordo com o papel que desempenham na sucessão ecológica como: pioneiras, secundárias e clímax. Para realização deste trabalho, foi identificado o extrato arbustivo das espécies encontradas no *Campus*, onde foram encontradas 575 espécies pertencentes a 27 famílias. A partir das espécies identificadas, pode-se verificar que as famílias *Fabaceae*, *Anacardiaceae*, *Bignoniaceae* e *Verbenaceae* apresentam 65,4% do total, sendo as mais representativas e os outros 34,6% estão divididos em 22 famílias, além da presença de algumas espécies exóticas. Foram identificadas na sucessão ecológica 53% de pioneiras, 44% de secundárias, 2% de clímax e 1% não classificadas. Dessa maneira, os resultados mostram que na recomposição florestal no *Campus II* não foi mantida a sucessão ecológica, pois se encontram muitas plantas secundárias.

Palavras-chave: Extratos arbustivos. Recomposição florestal. Sucessão ecológica.

1 INTRODUÇÃO

O reflorestamento é o processo de repovoamento de áreas degradadas pela ação humana ou pelas forças da natureza. O processo de arborização de áreas que não contêm vegetação há muito tempo também é chamado de reflorestamento, onde são criadas pequenas florestas, contendo espécies lenhosas ou áreas de lazer.

*Graduanda em Ciências Biológicas, Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul/SP, FUNEC, yukarimitsumori@hotmail.com

**Graduanda em Ciências Biológicas, Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul/SP, FUNEC, natalliamagri25@hotmail.com

***Graduanda em Ciências Biológicas, Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul/SP, FUNEC, patty_sfs@hotmail.com

****Mestre em Ciências Ambientais. Docente das Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul/SP, FUNEC, douglascostamartins@yahoo.com.br

Segundo Bacha e Barros (2004), existem cinco principais agentes reflorestadores no Brasil: empresas produtoras de celulose, empresas siderúrgicas, empresas de produtos sólidos de madeira, governos estaduais e pequenos produtores.

Para o meio ambiente, o reflorestamento é muito importante, pois, quando executado, é capaz de recuperar áreas muito degradadas com espécies nativas, melhorando os ecossistemas e também impedindo deslizamentos e erosão do solo, aplicando esse processo em áreas de encostas.

No ano de 2008, no Campus II da FUNEC, Santa Fé do Sul, SP, foi realizado pelos alunos e professores do curso de Gestão Ambiental o projeto Vida Verde que teve a finalidade de desenvolver uma área de reflorestamento para que futuramente viesse a ser uma sala de aula ao ar livre. O reflorestamento desta área foi realizado utilizando várias espécies arbóreas aleatórias, sem identificação.

Realizou-se um levantamento florístico para identificar todas as espécies arbóreas existentes nesse local. “Um levantamento florístico consiste em listar todas as espécies vegetais existentes em uma determinada área. [...] A descrição florística é considerada, atualmente, como condição essencial para que se possam estabelecer divisões fitogeográficas” (GODOI, 2007, p. 01).

O levantamento florístico visa identificar as espécies que ocorrem em uma determinada área geográfica e representam uma importante etapa no conhecimento de um ecossistema por fornecer informações básicas aos estudos biológicos subsequentes (GUEDES-BRUNI, PESSOA, KURTZ, 1997).

A principal finalidade deste trabalho foi obter uma lista das árvores existentes na área de reflorestamento do Campus II da FUNEC e a quantidade de cada espécie, com isso obtendo o total das árvores listadas. Todas as espécies foram classificadas de acordo com o papel que desempenham na sucessão ecológica como: pioneiras, secundárias e clímax.

As pioneiras são árvores de rápido crescimento que necessitam de clareia para realizar sua germinação, seu ciclo de vida é relativamente curto e raramente são maiores que 30 metros (VIANA, 1989).

As plantas secundárias são heliófilas de crescimento acelerado, são muito eficientes na dispersão das sementes, sendo que as sementes possuem ampla viabilidade (SMITH., 1966 apud GOMES-POMPA et al. 1976).

As plantas clímax são espécies vegetais que crescem e se desenvolvem sob dossel fechado e produzem grande quantidade de sementes (WHITMORE, 1984) São espécies que se desenvolvem à sombra das pioneiras (BUDOWSKI, 1965).

A importância deste trabalho reflete no conhecimento das espécies que foram estudadas por fornecer informações básicas para os estudos futuros relacionados à pesquisa. Assim, esse trabalho tem por objetivo descrever as espécies arbóreas existentes na Área de Reflorestamento do Campus II da FUNEC – Santa Fé do Sul/SP, classificando-as de acordo com o papel que desempenham na sucessão ecológica como: pioneiras, secundárias e clímax

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

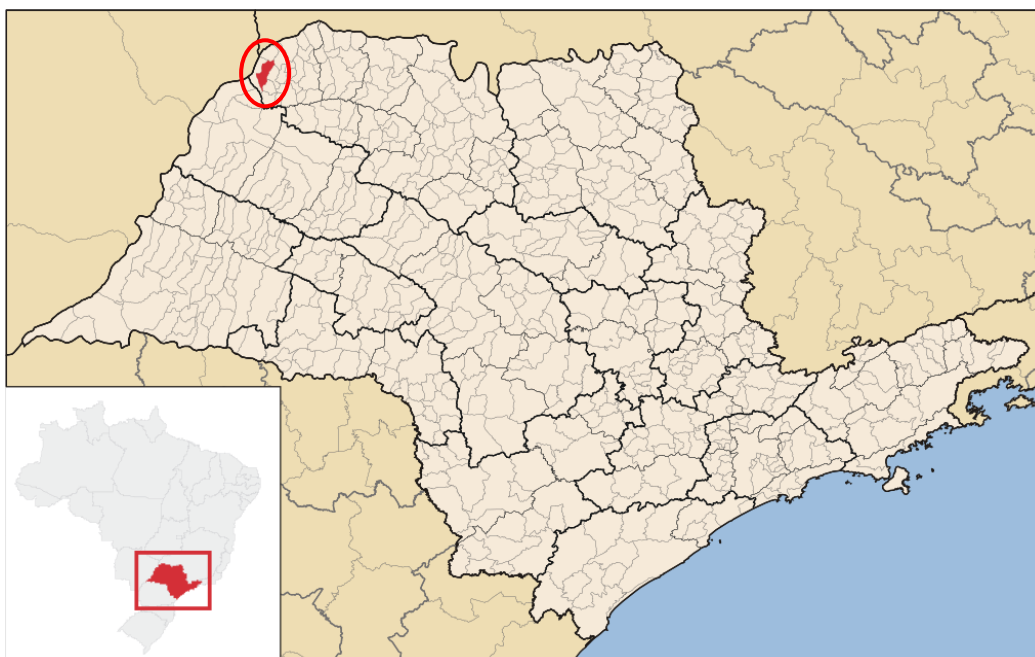
A pesquisa trata de uma amostragem sistemática do extrato arbóreo. As espécies foram previamente reconhecidas e catalogadas por meio de seus nomes populares e posteriormente identificadas, sempre que possível, até o nível de espécie. A identificação e classificação foram realizadas por meio de bibliografia especializada. Inconsistências na nomenclatura das espécies foram revisadas por meio de consulta ao site Missouri Botanical Garden (<http://www.mobot.org>).

2.2 Caracterização da área de estudo

A área de estudo está localizada no município de Santa Fé do Sul, que se encontra a noroeste do Estado de São Paulo, Brasil, na latitude 20°12'40" Sul e na longitude 50°55'33" Oeste, estando a uma altitude de 370 metros, conforme a Figura 1 (WIKIPÉDIA, 2010).

Tem uma população de 30.872 habitantes com uma área de 208,2 km². O clima de Santa Fé do Sul é o tropical *Aw'*, com temperatura média anual de 24 graus, tendo mínima média de 17 graus e máxima média de 31 graus. Possui um verão marcado por temperaturas máximas sempre superiores a 33 graus, com extremos de 40 graus e mínimas raramente inferiores a 20 graus, além de muita precipitação com média anual de 1265 mm.

Figura 1 – Localização município de Santa Fé do Sul, São Paulo.



Fonte: Wikipédia, 2010.

a) Identificação das espécies

A identificação das espécies e a classificação botânica foram realizadas pelos discentes com auxílio de bibliografias especializadas (Sistema de Classificação).

b) Procedimentos para a coleta de dados

Para amostragem da vegetação, foi calculada a área em metros quadrados onde está inserida a vegetação. De cada indivíduo amostrado foi registrado o nome comum, quando conhecido, ou atribuído código.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na área de 11.853,31 m², foram catalogados 575 indivíduos de 63 espécies, estando estas distribuídas em 53 gêneros pertencentes a 27 famílias. As famílias mais representativas em termos de diversidade de gêneros foram: *Fabaceae* (179), *Anacardiaceae* (71), *Bignoniaceae* (67), *Verbenaceae* (34) e *Boraginaceae* (25), conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Lista de espécies encontradas na FUNEC – Campus II de Santa Fé do Sul. O número entre parênteses indica o número de indivíduos encontrados.

FAMÍLIAS	ESPÉCIES
FABACEAE (179)	<i>Delonix regia</i> <i>Caesalpinia pulcherrima</i> <i>Pterogyne nitens</i> <i>Peltophorum dubium</i> <i>Dipteryx alata</i> <i>Platypodium elegans</i> <i>Machaerium nyctitans</i> <i>Machaerium paraguariense</i> <i>Albizia julibrissin</i> <i>Anadenanthera macrocarpa</i> <i>Albizia hasslerii</i> <i>Inga marginata</i> <i>Inga vera</i> <i>Inga edulis</i> <i>Mimosa caesalpiniaefolia</i>
ANACARDIACEAE (71)	<i>Myracrodruon urundeuva</i> <i>Schinus molle</i> <i>Anacardium occidentale L.</i> <i>Astronium graveolens</i> <i>Tapirira guianensis</i> <i>Mangifera indica</i>
BIGNONIACEAE (67)	<i>Tabebuia avellanadae</i> <i>Tabebuia impetiginosa</i> <i>Tabebuia ochracea</i> <i>Tabebuia roseo-alba</i> <i>Jacaranda mimosaefolia</i>
VERBENACEAE (34)	<i>Tectona grandis</i> <i>Vitex montevicensis</i>
BORAGINACEAE (25)	<i>Cordia ecalyculata</i>

Fonte: Dos próprios autores.

Nas amostragens, foram encontradas algumas espécies exóticas (Quadro 2), como por exemplo, *Caesalpinia pulcherrima* mais conhecido como Flamboyant Mirim (Figura 2). Estas espécies são introduzidas por se adaptarem bem ao clima da região e são frequentemente utilizadas na arborização urbana (RODOLFO JUNIOR et al., 2008).

Figura 2 – Flamboyant Mirim.



Fonte: Dos próprios autores.

Quadro 2 – Espécies Exóticas encontradas no Campus II, FUNEC Santa Fé do Sul, SP.

FAMÍLIA	ESPÉCIES EXÓTICAS
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i>
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i>
Fabaceae/ Caesalpinioideae	<i>Delonix regia</i> <i>Caesalpinia pulcherrima</i>
Fabaceae/ Mimosoideae	<i>Albizia julibrissin</i>
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i>
Meliaceae	<i>Azadirachta indica</i> <i>Melia azedarach</i>
Moraceae	<i>Morus nigra</i>
Myrtaceae	<i>Syzygium jambolanum</i>
Muntingiaceae	<i>Muntingia calabura</i>
Rosaceae	<i>Rubus rosifolius</i>
Verbenaceae	<i>Tectona grandis</i>

Fonte: Dos próprios autores.

Através do levantamento realizado, foi possível comprovar que 79,37% das espécies arbustivas encontradas são espécies nativas e 20,63% são espécies exóticas. De acordo com a sucessão ecológica, encontraram-se 304 (53%) indivíduos pioneiras, 252 (44%) indivíduos

secundárias e somente 14 (2%) indivíduos clímax e foram encontradas 5 (1%) indivíduos não classificadas.

Segundo a Resolução SMA N° 32 (BRASIL, 2014) a respeito da proporção de indivíduos a ser utilizada nas situações de plantio em área total, é sugerido que o total dos indivíduos pertencentes a um mesmo grupo ecológico (pioneiro e não pioneiro) não exceda 60% do total dos indivíduos do plantio e que nenhuma espécie pioneira ultrapasse o limite máximo de 10% e nenhuma espécie não pioneira ultrapasse o limite máximo de 5% de indivíduos do total do plantio.

Logo, os resultados obtidos da área estudada não estão de acordo com essa resolução, pois a espécie *Astronium graveolens* jacq (Guaritá) não pioneira (secundária) ultrapassa o limite máximo de plantio.

3.1 Espécies arbóreas mais representativas

3.1.1 Angico Preto

Anadenanthera macrocarpa Benth., pertencente à família *Fabaceae* / *Mimosoideae*, mais conhecida como angico, angico-de-casca, angico-do-campo, angico-vermelho, arapiraca, curupaí, angico-preto (Figura 3) possui altura de 13-20 m, com tronco de 40-60 cm de diâmetro, revestido por casca que varia de uma forma quase lisa e clara até rugosa ou muito fissurada e preta e seus ramos novos podem se apresentar espinhentos. As folhas são compostas bipinadas, de 10-25 jugas e pinas de 7-11 cm de comprimento com folíolos rígidos. Fruto legume deiscente, achatado, de superfície áspera e de cor marrom, contendo 5-10 sementes orbiculares dotadas de pleurograma (LORENZI, 2008, 2009).

Esta espécie ocorre do Maranhão, no Nordeste do país, até São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, principalmente na floresta latifoliada semidecídua. É uma planta decídua, pioneira, heliófita e seletiva xerófila, característica das capoeiras e florestas secundárias situadas em terrenos arenosos e cascalhentos. Ocorre preferencialmente em terrenos altos e bem drenados, chegando a formar agrupamentos quase homogêneos. Floresce de setembro a novembro com a planta quase sem folhas (Figura 3). Os frutos amadurecem entre agosto e setembro (LORENZI, 2008, 2009).

Figura 3 – Angico Preto e as suas flores.



Fonte: Dos próprios autores.

3.1.2 Guaritá

Astronium graveolens jacq. pertence à família *Anacardiaceae*, mais conhecido como gibatão, aroeirão, aderno, gonçalo-alves, pau-ferro, guaritá (Figura 4), apresenta altura de 15-25 m, com tronco liso de 40-60 cm de diâmetro. Folhas compostas imparipinadas, sustentadas por pecíolo de 13-15 cm, com 9-15 folíolos dotados de cheiro característico. Inflorescência em panículas axilares e terminais, com flores amareladas (LORENZI, 2008, 2009).

Ocorre naturalmente no sul da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais na floresta pluvial da encosta atlântica, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais até o Rio Grande do Sul na floresta latifoliada semidecídua da bacia do rio Paraná. É uma planta decídua, heliófita ou esciofita, que ocorre geralmente em agrupamentos descontínuos em terrenos rochosos e secos. Produz anualmente grande quantidade de sementes. Floresce entre agosto e setembro com a planta totalmente despida de suas folhas. Os frutos amadurecem nos meses de outubro e novembro (LORENZI, 2008, 2009).

Figura 4 – Guaritá



Fonte: Dos próprios autores.

3.1.3 Jacarandá-mimoso

Jacaranda mimosaeifolia pertence à família *Bignoniaceae*, mais conhecido como jacarandá-mimoso (Figura 5), carobaguaçu, jacarandá, atinge uma altura de até 15 m, com casca fina e acinzentada. Folhas opostas, compostas bipinada, de 10 a 25 cm de comprimento, com folíolos pequenos, glabros e de bordo serrado. Flores com coloração azulado-lilás, arranjadas em inflorescências piramidais densas (Figura 5). Os frutos são cápsulas lenhosas, muito duras e contendo numerosas sementes aladas, como mostra a Figura 5 (LORENZI, 2008, 2009).

Ocorre naturalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais, nas formações florestais do complexo atlântico. Espécie pioneira de grande valor ornamental pelo porte e delicadeza de suas folhas, cor e abundância de suas flores, comumente utilizada no paisagismo de avenidas e parques. Floresce entre agosto e novembro, com a planta despida da folhagem. Os frutos amadurecem entre maio e setembro (LORENZI, 2008, 2009).

Figura 5 – Jacarandá-mimoso



Fonte: Dos próprios autores.

3.1.4 Cordia

Cordia ecalyculata, pertencente à família Boraginaceae, mais conhecida como café de bugre, claraíba, louro-salgueiro, louro-mole, apresenta-se com alturas entre 8-12m, com tronco de 30-40 cm de diâmetro. Folhas simples, membranáceas, glabras, de 8-14 cm de comprimento. Ocorre naturalmente do nordeste ao sul do país nas florestas semidecíduas e de galeria (mesófito) (LORENZI, 2008, 2009).

É uma planta perenifólia, heliófita, típica de solos úmidos e de boa fertilidade da floresta semidecídua. A *Cordia* (Figura 6) ocorre em baixíssima frequência, tanto no interior da mata primária densa como em formações secundárias. Produz anualmente grande quantidade de sementes viáveis. Floresce de outubro a janeiro. Os frutos amadurecem entre janeiro e março (LORENZI, 2008, 2009).

Figura 6 – Cordia



Fonte: Dos próprios autores.

3.1.5 Tarumã

Vitex montevidensis, pertence à família Verbenaceae, mais conhecida como tarumã (Figura 7), azeitona-do-mato, tapinhoan, tarumã-preta, tarumã-de-mato, tarumã-azeitona, azeitona-brava, azeitona-da-terra, tarumã-romã, sombra-de-touro, possui altura de 5-20 m (6-12 m quando isolada), com tronco de 40-60 cm de diâmetro. Folhas compostas 3-7-folioladas (em geral 5); folíolos cartáceos, nervuras salientes na face inferior, de 5-9 cm de comprimento. Ocorre naturalmente de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul até o Rio Grande do Sul, nas florestas de pinhas e semidecíduas da bacia do Paraná (LORENZI, 2008, 2009).

É uma planta decídua, heliófita, indiferente às condições físicas do solo. Ocorre tanto no interior da mata primária densa como em formações abertas e secundárias. Pode ser encontrada em vários ambientes, de solos muito secos, pedregosos e até muito úmidos nas matas de galeria. Produz anualmente grande quantidade de sementes viáveis, amplamente disseminadas pela fauna. Floresce de outubro a dezembro junto com o aparecimento das novas folhas. Os frutos amadurecem entre janeiro e março (LORENZI, 2008, 2009).

Figura 7 – Tarumã



Fonte: Dos próprios autores.

4 CONCLUSÃO

Dessa maneira, os resultados mostram que na recomposição florestal no Campus II não foi mantida a sucessão ecológica, pois a espécie secundária *Astronium graveolens* Jacq (Guaritá), de acordo Resolução SMA N°32, excedeu o limite máximo de plantio.

FLORISTIC SURVEY OF THE ARBOR SPECIES OF THE REFURBISHING AREA OF FUNEC CAMPUS II - SANTA FEÉ DO SUL / SP

ABSTRACT

Reforestation is a recovery process of the degraded areas by the force of nature or by human action. Reforestation areas are of great importance for the recovery of native forests and, the identification of existing species on site is an important step in the ecosystem of knowledge for future studies. To identify the species that exist in a given location, it is done the floristic survey which consists of making a complete list of the plant species existing in a given area. Based on these problems, this study aimed at developing a survey of existing arbor species of the refurbishing area of FUNEC Campus - Santa Fé do Sul / SP, ranking them according to their role in ecological succession as pioneers, second area and climax. For this work, it was performed identifications of the shrub extract of the species found on Campus, which 575 species were identified belonging to 27 families. From the identified species, it can be seen that the FABACEAE family, ANACARDIACEAE, BIGNONACEAE and VERBENACEAE present 65.4% of the total, the most representative, and the other 34.6% are divided into 22 families, besides the presence of some exotic species. They were identified in the ecological succession: 53% of pioneers, 44% of the secondary, 2% of climax and, 1% is not classified.

Thus, the results show that the forest recomposition in Campus II was not kept ecological succession; there are as many secondary plants.

Palavras-chave: Extratos arbustivos. Recomposição florestal. Sucessão ecológica.

REFERÊNCIAS

BACHA, C. J. C.; BARROS, A. L. M. Reflorestamento no Brasil: evolução recente e perspectivas para o futuro. **Scientia Forestalis**, 2004. p. 191-203.

BRASIL. **Resolução SMA nº 32**, de 03 de abril de 2014. Anexo III - Orientação técnica para plantio em área total. Secretaria de Estado do Meio Ambiente, São Paulo, 2014.

BUDOWSKI, G. N. Distribution of tropical American rain forest species in the light of succession processes. **Turrialba**, v.15, n.1, p. 40-2, 1965.

GODOI, S. Levantamento Florístico das Espécies Arbóreas e Arbustivas das Universidade Metodista de Piracicaba – Campus Taquaral. **5º Amostra Acadêmica UNIMEP**, Educação Brasileira: Extinção e Sustentabilidade na Universidade, 23 a 25 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/5mostra/3/111.pdf>>. Acesso em: 17 de maio 2016.

GOMEZ-POMPA, A. et al. **Investigaciones sobre la regeneración de las selvas altas em Veracruz, Mexico**. Mexico: Continental, 1976.

GUEDES-BRUNI, R. R.; PESSOA, S. V. A. KURTZ, B. C. Florística e estrutura do componente arbustivo-arbóreo de um trecho preservado de floresta montana na reserva ecológica de Macaé de Cima. In: LIMA, H. C.; GUEDES-BRUNI, R. R. (Eds.). **Serra de Macaé de Cima: diversidade florística e conservação em Mata Atlântica**. Rio de Janeiro, Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 1997. p. 27-145.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. 5. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. V.1

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. 3. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2009. V.2

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2009. V.3

MISSOURI Botanical Garden. Disponível em: <<http://www.missouribotanicalgarden.org/>>. Acesso em: 29 set. 2016.

RODOLFO JUNIOR, F. et al. Análise da arborização urbana em bairros da cidade de Pombal no Estado da Paraíba. **REVSBAU**, Piracicaba-SP, v.3, n.4, p.3-19, 2008.

SMITH, 1966 apud GOMEZ-POMPA, A. et al. **Investigaciones sobre la regeneración de las selvas altas em Veracruz, Mexico**. Mexico: Continental, 1976.

VIANA, V. M. **Seed dispersal and gapregeneration of tropical tree species**. Cambridge-Massachusetts, Harvard University, 1989. 270 f. Tese de Doutorado.

WHITMORE, T. C. **Tropical Rain Forest of the Far East**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1984.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Santa Fé do Sul**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_F%C3%A9_do_Sul>. Acesso em 15 abr. 2016.

Recebido em: 30 de novembro de 2016.

Aprovado em: 28 de julho de 2017.

ANEXO A

Tabela 1 – Plantas Pioneiras (P), Secundárias (S) e Clímax (C) - Sucessão Ecológica encontradas no *Campus II* – FUNEC – Santa Fé do SUL.

Família	Nome Científico	Nome Popular	Sucessão Ecológica	Quantidade das espécies
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	S	2
	<i>Schinus molle</i>	Aroeira Salsa	P	10
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	S	5
	<i>Astronium graveolens</i>	Guaritá	S	46
	<i>Tapirira guianensis</i>	Peito de Pombo	P	1
	<i>Mangifera indica</i>	Manga	P	7
	Annonaceae	<i>Annona crassiflora</i>	Cabeça de Nego	S
Apocynaceae	<i>Aspidosperma parvifolium</i>	Guatambu	S	2
	<i>Aspidosperma polyneuron</i>	Peroba	S	10
	<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i>	Peroba Rosa	S	1
	Bignoniaceae	<i>Tabebuia ochracea</i>	Ipê Amarelo	S
	<i>Tabebuia roseo-alba</i>	Ipê Branco	S	12
	<i>Tabebuia avellaneda</i>	Ipê Rosa	S	3
	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Ipê Roxo	S	6
	<i>Jacaranda mimosaeifolia</i>	Jacarandá Mimoso	P	43
Bombacaceae	<i>Pseudobombax grandiflorum</i>	Imbiruçu	S	5
Boraginaceae	<i>Cordia ecalyculata</i>	Cordia	S	25
Cecropiaceae	<i>Cecropia pachystachya</i>	Embaúba	P	4
Celastraceae	<i>Maytenus aquiflora</i>	Sombra de Touro	S	11
Chrysobalanaceae	<i>Licania tomentosa</i>	Oití	S	18
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i>	Sete Copas	NC	2
Euphorbiaceae	<i>Croton</i>	Sangra d'água	P	7

	<i>urucurana</i>			
Fabaceae/ Caesalpinoideae	<i>Delonix regia</i>	Flamboyant	P	1
	<i>Caesalpinia pulcherrima</i>	Flamboyant Mirim	P	6
	<i>Pterogyne nitens</i>	Amendoim Bravo	P	6
	<i>Peltophorum dubium</i>	Canafístula	P	27
	<i>Copaifera langsdorfii</i>	Copaíba	C	5
	<i>Hymenaea courbaril</i>	Jatobá	C	7
Fabaceae/ Faboideae	<i>Pterocarpus violaceus</i>	Aldrago	P	10
	<i>Dipteryx alata</i>	Barú	P	13
	<i>Platypodium elegans</i>	Jacarandá Bana	P	20
	<i>Machaerium nyctitans</i>	Jacarandá Bico de Pato	P	5
	<i>Machaerium paraguariense</i>	Jacarandá Branco	P	12
Fabaceae/ Mimosoideae	<i>Albizia julibrissin</i>	Albícia	P	13
	<i>Anadenanthera macrocarpa</i>	Angico Preto	P	39
	<i>Albizia hasslerii</i>	Farinha Seca	P	1
	<i>Inga marginata</i>	Ingá	P	5
	<i>Inga vera</i>	Ingá Curto	P	3
	<i>Inga edulis</i>	Ingá de Metro	P	5
	<i>Mimosa caesalpiniaefolia</i>	Sansão do Campo	P	1
Lauraceae	<i>Endlicheria glomerata</i>	Canelão	S	2
	<i>Nectandra megapotamica</i>	Canelinha	S	3
Lecythidaceae	<i>Cariniana estrellensis</i>	Jequitibá	C	2
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i>	Acerola	S	2
Malvaceae	<i>Ceiba speciosa</i>	Paineira	P	7
	<i>Pachira aquática</i>	Monguba	S	1
Meliaceae	<i>Azadirachta</i>	Nim	S	13

	<i>indica</i> <i>Melia azedarach</i>	Santa Bárbara	P	9
<u>Moraceae</u>	<i>Morus nigra</i>	Amora	NC	1
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i>	Goiaba	P	11
	<i>Syzygium jambolanum</i>	Jambolão	P	9
	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	S	2
Muntingiaceae	<i>Muntingia calabura</i>	Calabura	P	6
Polygonaceae	<i>Triplaris americana</i>	Pau Formiga	S	8
Rosaceae	<i>Rubus rosifolius</i>	Amora Brava	NC	2
	<i>Prunus myrtifolia</i>	Pêssego do Mato	S	17
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i>	Jenipapo	S	12
Sapotaceae	<i>Manilkara salzmannii</i>	Maçaranduba	P	7
Sapindaceae	<i>Sapindus saponária</i>	Saboneteira	S	8
	<i>Magonia pubescens</i>	Tigui do Cerrado	S	4
Sterculiaceae	<i>Sterculia apetala</i>	Amendoim de Bugre	S	12
Verbenaceae	<i>Tectona grandis</i>	Teca	P	16
	<i>Vitex montevidensis</i>	Tarumã	S	18

Fonte: Dos próprios autores.